

Todo cuidado é pouco

ALDIR BLANC

Na hora de escolher seu candidato, o bom senso é muito importante. Por exemplo, não vote em quem se apresentou no horário eleitoral com o dedo no nariz ou usando um penico na cabeça.



Dito assim, pode parecer absurdo, mas alguns candidatos estiveram perto disso. Desconfie de óculos estranhos, bigodões, barbas etc. São anões do Orçamento disfarçados.

Outra dica importante: preste bem atenção quando o postulante a cargo público, mesmo falando em tempo curtíssimo, lança rápidos olhares por cima do ombro. Podem reparar: ele tenta desesperadamente se controlar, começa a aparecer gotinhas de suor em sua testa, e aí, zás, ele dá a tal olhadinha. É gente que roubou tanto, que não consegue entender como é que a polícia ainda não apareceu para levar a peça em cana. Essa olhadinha significa: hoje eu danço, de hoje eu não passo, e vai ser aqui, na frente de milhões de espectadores.

Tem o que engrena seus perdigotos com "minha amiga, sin-

ceramente..." Pode desistir. É golô profissional.

Sujeitos fantasiados de índio, fuja deles. "Mim vai defendê tatu taioba da extinção, nem que tenha di comê o último".

Quanto a brucutus egressos do regime militar, manda um toque de recolher neles. Não é difícil identificá-los. Seus discursos têm um azeitado de falso pedido de desculpas: "Prezado torturado, aquele choque elétrico não tinha nada de pessoal..."

Bom, mesmo não sendo politicamente correto, precisamos falar das mulheres candidatas. É simples: não vote em nenhuma peruva manicurada, com jóias de cafetina e cabelo de louca, boca melosa de quem se entope de Sonho de Valsa vendo Sessão da Tarde. Vão trabalhar, dragões!

Pra tornar nossa materinha mais dinâmica, vamos criar o humor interativo: toda vez que eu escrever clique de cá, vocês eliminam (no bom sentido, é claro) um candidato daí, certo? Lá vai.

— Minha gente, sou produtor rural, amigo do Caiado, e gostaria de expôr meu programa de governo à manada — clique.

— Sou dono de uma empreitei... clique.

— Alto, louro, espadeúdo, solteirão, halterofilista, expert em artas marciais, não agüento mais ser chamada de mãe solteira e es-

tou disposto a fazer o teste da farinha para que o jogador Edmundo reconheça a paternidade de meus 12 filhos, inclusive os gêmeos que tive quando o fogoso craque ainda não era nascido. Clique.

— As razões que me levaram a uma aliança com o Brizola são simples... Clique.

— Eu acredito piamente em instituto de pesquisa. Clique.

— Eu não acredito nesses institutos de jeito nenhum. Clique.

— Essa eleição é um exemplo. Clique.

— Essa eleição é uma fraude. Clique.

E, pra encerrar, uma historinha. No tempo em que era caminhoneiro, meu amigo Baiano costumava parar num bordel da Baixada. Havia lá uma senhora que limpava as alcovas, de péssimo humor, agressiva, verdadeira bruxa que adorava empatar a atividade dos casais. Um dia, irritadíssimo com as grosserias da tal criatura, Baiano perdeu as estribeiras:

— A senhora precisa é dar essa...

E soltou um palavrão, digamos cabeludo.

Pra esclarecimento de todos que presenciavam a briga, ouviu-se uma voz cavernosa sair debaixo da saia da moçoquinha, cuja boca apenas sorria:

— Meu nome não é... Meu nome é Enéas!

■ Aldir Blanc é compositor e músico